

## FLORES PARA TODOS

**\* Roberto Rodrigues**

No mundo todo se buscam modelos e sistemas de produção que permitam sustentabilidade (econômica, social e ambiental) da pequena propriedade rural. Nos países ricos vários mecanismos protecionistas são implementados, uma vez que a unidade do produto tem margens cada vez menores e, em área pequena, não há escala para compensar isto. O Brasil tem alguns bons programas nesta direção, mas ainda está muito longe de executar políticas que garantam a renda do pequeno produtor rural.

Há outro paradoxo: atividades que produzem algo de maior valor agregado – que permitiriam o avanço dos pequenos – exigem alto padrão tecnológico, o que tem custos nem sempre compatíveis com a renda anterior.

Romper este círculo vicioso é dura tarefa, e um dos mecanismos para tanto é o modelo cooperativista.

Uma atividade produtiva muito interessante sob esta perspectiva é a floricultura. E o Brasil tem um enorme espaço a conquistar nesta área. Nosso consumo per capita de flores está em 4,70 dólares por ano, 20% do da Argentina ou 3% do da Suíça. Podemos crescer muito, mas isto implica em usar flores sempre, e não apenas como presente em ocasiões especiais.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Floricultura (Ibraflor) a área média da produção de flores hoje é de 3,5 hectares. São cerca de 6 mil hectares/ano, produzindo em 304 municípios de todo o país.

São vários os produtos de floricultura, e, no Brasil, o mais importante são as “mudas” (50,4%), seguido de “flores de corte” (28,8%), “envasados” (13,2%), “folhagens de vasos” (3,1%), “folhagens de corte” (2,6%) e outros (“sementes, bulbos”, etc com 1,9%). Toda a cadeia produtiva já gera 110 mil empregos, realizando 70% da produção no campo e o resto em estufa.

Ainda concentrada no Estado de São Paulo, que responde por 70% da produção e 40% do consumo, a floricultura, com apoio dos governos estaduais, de cooperativas como a Holambra e de órgãos como o SEBRAE, vai se desenvolvendo muito bem em outros estados como Rio Grande do Sul, Ceará, Santa Catarina e Alagoas.

Nosso grande mercado ainda é o interno, e o Brasil ocupa menos de 0,5 por cento do comércio mundial de flores. Mesmo assim, em 2006 exportamos 7,8 mil toneladas, no valor de 30 milhões de dólares, 130% mais que em 2001.

Há muito que fazer, desde o aspecto tecnológico, como criação ou introdução de novas variedades (que esbarra na importante Análise de Risco de Pragas), até a abertura de mercados, passando pela questão da infraestrutura, especialmente do frio.

Mas que maravilha uma atividade de produção que ofereça renda, lidando todos os dias com rosas, bromélias, crisântemos, palmas, antúrios, orquídeas,

cravos, margaridas, begônias, avencas, samambaias, e tantos outros presentes da natureza! Que bela atividade para pequenos e caprichosos.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal**